

Falsos Amigos Francês/Português

Francês para Fins Empresariais

Virgínia Brunheta, Hugo Franco, Maria Eduarda Santos¹

Resumo

A aquisição de línguas estrangeiras revela-se imprescindível para a formação do profissional de Secretariado na era da globalização em que vivemos. Não obstante a importância do inglês e do espanhol na rápida integração no contexto empresarial dos nossos dias, é inegável o papel diferenciador do domínio do francês.

Dado que pertencem à mesma família linguística, o francês e o português apresentam algumas semelhanças, tanto a nível fonológico como morfológico, que induzem, frequentemente, o aprendente de francês língua estrangeira em erro. Decorrente dos estudos realizados pela Análise Contrastiva, a expressão *falsos amigos* refere-se a palavras que em geral têm uma origem comum, são morfológicamente semelhantes entre diferentes línguas, mas apresentam significados diferentes.

Com este estudo pretendemos apresentar um conjunto de *falsos amigos* da área específica do francês para fins empresariais a partir de um corpus de produções orais e escritas de alunos de Secretariado, contribuindo, deste modo, para a facilitação do processo de ensino/aprendizagem do francês língua estrangeira.

Palavras-chave: secretariado, francês língua estrangeira, *falsos amigos*, análise contrastiva.

¹ Instituto Politécnico de Castelo Branco / Escola Superior de Educação
virginia.brunheta@ipcb.pt; hugo.franco@ipcb.pt; eduardasantos@ipcb.pt

Abstract

Living globalization, foreign language acquisition is necessary to the training of secretariat professionals. In spite of the importance of English and Spanish in a fast integration in the business context nowadays, we can't deny the differentiator role of French.

Both Portuguese and French belong to the same linguistic family, having some similarities at the phonological and morphological levels and these often induce the mistakes of the learner of French as a foreign language. Due to research on contrastive analysis, the phrase *false friends* refers to words which in general have a common origin, which are similar in their morphology in different languages but have different meanings.

With this study a range of *false friends* is presented in what concerns French for business, from a corpus of oral and written texts of students from secretarial studies. This way, to make learning French an easier process is added.

Keywords: secretariat, French as a foreign language, *false friends*, contrastive analysis.

Introdução

Com as mudanças ocorridas durante as últimas décadas no mundo do trabalho, o leque de funções desempenhadas pelo profissional de Secretariado alargou-se e o peso das responsabilidades que lhe são atribuídas pelas empresas/organizações aumentou significativamente. Fruto do advento das inovações tecnológicas e da globalização, surgiu a necessidade da formação de profissionais com um novo perfil capaz de responder eficazmente às exigências de um novo contexto laboral.

Assim, para além das tradicionais tarefas do âmbito do Secretariado, o Secretário assegura simultaneamente funções ligadas a áreas como a jurídica, a financeira, a gestão de recursos humanos, entre outras, desempenhando também um papel mais executivo. É ele que estabelece frequentemente a comunicação interna e externa e em sentido ascendente e descendente, isto é, entre o seu superior hierárquico e os elementos internos e externos à organização, e vice-versa; a sua visão da organização

em que está inserido tem de ser global, permitindo-lhe compreender o seu funcionamento na íntegra e, principalmente, a problemática inerente ao cargo daquele que está a assessorar. De facto, o Secretário dos nossos dias ocupa uma posição estratégica nas organizações e deve demonstrar a capacidade de identificar e resolver situações e, até, de tomar decisões na ausência da sua direção.

A par de conhecimentos gerais ligados às áreas das ciências sociais, do direito, da economia, da contabilidade e da gestão; de conhecimentos específicos sobre técnicas de secretariado, documentação e arquivo, ética e deontologia, tecnologias da comunicação e da informação, entre outras, o Secretário deve conhecer perfeitamente a sua língua materna e saber uma ou várias línguas estrangeiras.

O domínio de pelo menos uma língua estrangeira (LE) é uma das condições *sine qua non* para a integração do Secretário num mercado de trabalho cada vez mais exigente e marcado pela internacionalização das empresas; este é, de facto, frequentemente, um requisito básico determinante na seleção dos candidatos a contratar.

Como realça Vicente (2015), no processo de ensino/aprendizagem de uma LE são frequentes os casos de interferência linguística entre a língua materna (LM) do aprendente e a língua-alvo (LA).

Depois de uma breve revisão da literatura sobre os estudos da Análise Contrastiva aplicada ao ensino das línguas estrangeiras, evidenciamos um dos pontos de proximidade entre o português e o francês que constitui uma das mais graves interferências linguísticas: os *falsos amigos*. Em sentido lato, este termo aplica-se a palavras que, embora sejam muito semelhantes entre duas línguas, tanto a nível fonológico como a nível morfológico, apresentam divergências de sentido. A nomenclatura para designar este fenómeno linguístico é variada mas, após a análise de algumas das expressões mais recorrentes, optaremos pela já referida.

Baseado na nossa experiência docente, este estudo resulta da constatação da ocorrência frequente de *falsos amigos* no processo de

ensino/aprendizagem do francês para fins empresariais por parte de alunos do curso de Secretariado da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco cuja língua materna é o português. O corpus é constituído por trabalhos e testes escritos e orais realizados por estes alunos em contexto de sala de aula ao longo dos últimos anos. A seleção dos *falsos amigos* incidiu sobretudo na área específica da linguagem utilizada no atendimento telefónico e justifica-se por se tratar de uma das tarefas mais frequentemente desempenhadas pelos profissionais do Secretariado e por abranger várias situações e contextos ligados às empresas.

O conjunto de *falsos amigos* aqui reunido pretende ser apenas um contributo para a facilitação do processo de ensino/aprendizagem do francês por aprendentes portugueses, fornecendo-lhes algum material que os alerte para os casos de “falsa amizade” entre a língua francesa e a língua portuguesa.

1. A língua francesa no mundo da globalização

Nunca é demais realçar a importância do domínio das línguas estrangeiras pois elas são facilitadoras da mobilidade e da integração social a nível mundial, da multiculturalidade, do acesso aos conhecimentos mais recentes nos mais variados campos do saber e às inovações tecnológicas.

O inglês é a língua preferencialmente exigida aos Secretários pelos empregadores em Portugal e, nos últimos anos, também o espanhol tem ocupado um lugar proeminente, sendo a segunda língua mais requisitada, em detrimento do francês, que tem visto a sua importância ser relegada para terceiro plano.

Praticamente em todo o mundo, o inglês é considerado a língua franca, a língua universal, que é imprescindível a todos os profissionais que estão em contacto com o público em geral e, no caso particular das organizações, nomeadamente as empresas, com parceiros, clientes, fornecedores e outros agentes, sobretudo no que concerne a questões internacionais.

Por seu turno, e por razões socioeconómicas, a importância crescente do espanhol refletiu-se na sua integração no sistema escolar português, a nível do 1º e do 2º ciclos do Ensino Básico.

Em relação ao interesse linguístico pelo francês em Portugal, onde, como já referimos, é atualmente a terceira língua mais estudada, impõe-se uma reflexão que explicita o estatuto a que esta língua se viu relegada.

Se recuarmos no tempo cerca de 30 ou 40 anos, verificamos que a primeira língua estrangeira ensinada no sistema de ensino português era obrigatoriamente o francês; o inglês só aparecia nos anos letivos mais avançados.

Até aos anos 70 do século passado, falar esta língua, que veiculava toda uma cultura em que a literatura, o cinema, a música, a arte em geral, a moda, gozavam de enorme prestígio, era sinónimo de elitismo em Portugal.

Foi a partir de 1945, com o final da Segunda Guerra Mundial, que o francês começou a perder importância a nível internacional. Entre as décadas de 70-80, Portugal passa a integrar a CEE e a cultura anglo-saxónica e a língua inglesa, devido a alterações importantes na geopolítica mundial, em curso desde o fim da Segunda Guerra Mundial, começam a impor-se através das novas tecnologias. Cinema, música, séries televisivas oriundos de Inglaterra e dos Estados Unidos da América, passam a fazer parte do quotidiano da generalidade dos portugueses. Concomitantemente, assiste-se a um progressivo recuo da língua e da cultura francesas no ensino.

No atual contexto de recessão económica, profissionais de algumas áreas, como por exemplo de Enfermagem e de Secretariado, procuram oportunidades de emprego em países como a Bélgica, o Luxemburgo, a França ou a Suíça. Assistimos, pois, a uma procura de cursos de francês por parte destes recém-licenciados, que querem levar na bagagem conhecimentos linguísticos com utilidade pragmática, que lhes permitam uma melhor integração na vida quotidiana mas sobretudo na vida profissional do país para onde emigram.

A 20 de março de 2012, no dia internacional da Francofonia, um grupo de embaixadores francófonos assinou conjuntamente um artigo no *Público* com o título bastante sugestivo "O francês é uma vantagem!", no qual realçam a importância do domínio desta língua, sobretudo para as camadas jovens e para as gerações futuras:

(...) Na verdade, é uma sorte e uma vantagem poder comunicar com 220 milhões de locutores do mundo inteiro, uma sorte e um privilégio, porque 60% dos 220 milhões de francófonos têm menos de 30 anos. O francês é, de facto, uma língua essencialmente falada pelos jovens e está ao serviço da juventude e do futuro.

Apelam à "desmistificação" da dificuldade em aprender esta língua e para uma perceção real da sua importância:

Em Portugal, o domínio da língua francesa é uma vantagem. Às vezes ouvimos dizer que o francês está em declínio, que a sua aprendizagem é difícil, que se trata de uma língua de cultura clássica mais do que de uma língua útil e virada para a modernidade. Estes estereótipos traduzem um desconhecimento da presença do francês no mundo de hoje, na Internet, no cinema, no ensino superior.

Os signatários deste artigo incentivam os jovens, nomeadamente os portugueses, a aprender francês e a incrementar as relações entre a lusofonia e a francofonia, como forma de contribuírem "para a diversidade intelectual e linguística do mundo globalizado do século XXI." E vão mais longe, defendendo a importância de os mais jovens conhecerem, no mínimo três línguas, não só por razões profissionais, mas também como

meio de acesso ao conhecimento e à compreensão dos outros: "Uma língua é uma chave e quanto mais chaves se tiver, mais portas poderão abrir-se."

Relativamente ao papel da língua francesa no mundo, onde é falada por 220 milhões de locutores, o mesmo artigo refere:

Os 75 Estados e governos da francofonia representam mais de um terço dos membros das Nações Unidas. Trinta e dois Estados têm o francês como língua oficial, só, ou partilhado com outras línguas. O francês representa também uma vantagem na União Europeia, uma vez que é a segunda língua estrangeira mais usada pelos europeus (19%) depois do inglês (41%) e antes do alemão (10%) e do espanhol (7%). É a quarta língua mais utilizada na Internet por número de páginas e aquela em que se traduzem mais livros escritos noutras línguas, sinal da sua abertura aos outros e, ao mesmo tempo, do seu carácter veicular.

Concluimos, assim, que o domínio da língua francesa constituirá sempre uma mais-valia e pode marcar a diferença, pesando a favor da inserção dos Secretários no cada vez mais seletivo mercado de trabalho.

2. A Análise Contrastiva aplicada ao ensino das línguas estrangeiras

De acordo com Gast (2011), a Análise Contrastiva surgiu na sequência dos estudos de C. Fries, em 1945, e de R. Lado, a partir de 1957, e, na sua Versão Forte, consistiu na comparação sistemática entre a língua materna (LM) do aprendente e a língua estrangeira (LE) a adquirir, por forma a evidenciar as diferenças e as semelhanças existentes entre os dois sistemas linguísticos.

A partir deste contraste, foi possível prever e descrever as estruturas que colocariam problemas e as que não ofereciam dificuldades no processo de aprendizagem da LE. Estes estudos estiveram na base da

criação de materiais didáticos e da adoção de metodologias de ensino das línguas estrangeiras mais eficazes por parte dos professores.

Partindo destes pressupostos, as semelhanças entre as duas línguas não causarão dificuldades ao aprendente pela possibilidade que este terá em operar "transferências" positivas da sua LM para a LE. *A contrario*, as diferenças entre os dois sistemas linguísticos ocasionarão "transferências" negativas, isto é, Interferência.

Domínguez Vázquez (2001) faz uma retrospectiva teórica no sentido de definir "interferência" e estabelece dois grupos de fatores para a sua ocorrência: os fatores estruturais e os fatores extralinguísticos. Calvi (2008) refere que o conceito de interferência "remite al conocido trabajo de Uriel Weinreich (1957), que describía y clasificaba casos de contaminaciones recíprocas entre lenguas en contacto en hablantes bilingües." Fundamental para a Análise Contrastiva, este fenómeno diz respeito à transposição de formas da LM para a LE a nível fonológico, morfológico ou sintático.

Segundo Santos Gargallo (1993), a Análise Contrastiva pretende construir uma gramática contrastiva onde as correspondências dos diferentes níveis gramaticais surjam hierarquizadas por forma a que se possa estabelecer uma graduação relativamente às dificuldades no processo de ensino/aprendizagem e às possibilidades de interferência.

Neste contexto teórico, é evidente a relação postulada entre a facilidade no processo de aquisição da LE e o seu grau de similitude com a LM.

Algumas das críticas mais frequentemente apontadas à Análise Contrastiva estão relacionadas com a questão do "erro", perspectivado como negativo e a ser evitado. Por um lado, criticou-se a ênfase dada à interferência como causa dos erros dados pelos aprendentes e, por outro, considerou-se a previsão dos erros como duvidosa.

Posteriormente, a Análise Contrastiva evoluiu para a chamada Versão Fraca, a Análise de Erros. Nesta perspetiva, o erro é encarado como positivo, pois faz parte natural do processo de aquisição da LE e as causas do seu aparecimento não radicam apenas na interferência da LM na LE,

como se considerava nos estudos iniciais da Análise Contrastiva. Os erros podem ser não-sistemáticos, isto é, podem ocorrer pontualmente devido a esquecimento; outra das causas podem ser as generalizações intralinguísticas ou as generalizações de regras já aprendidas. De facto, a própria estrutura intralinguística da LE origina grande parte dos erros; no caso do francês, um verbo irregular como o verbo "faire", se não for identificado como tal, pode levar o aprendiz a produzir uma forma como "(vous) faisez", em vez de "(vous) faites".

Em 1972 Larry Selinker cria o conceito de Interlíngua, que designa um estágio intermédio no processo de aquisição de uma língua-alvo. Constituindo uma fase obrigatória desse processo, a interlíngua define-se como um sistema linguístico diferente quer do da LM quer do da LE; os enunciados que o aprendiz produz são diferentes da língua materna e da língua estrangeira que está a aprender mas contêm elementos das duas. Este sistema intermédio vai evoluindo e vai sendo aperfeiçoado pelo aprendiz. Assim, o erro é encarado como uma tentativa de formulação de uma hipótese acerca das regras da língua-alvo.

As duas Versões da Análise Contrastiva são consideradas como complementares e, se aplicadas conjuntamente, poderão resultar em considerações que se consubstanciem em novas estratégias para o processo de ensino/aprendizagem no caso específico do francês a alunos cuja língua materna é o português.

3. Falsos amigos, falsos cognatos ou cognatos enganosos?

3.1. Falsos amigos

Em sentido lato, esta expressão designa palavras de duas línguas que são muito semelhantes morfológica e foneticamente mas que, semanticamente, são divergentes. Muitos *falsos amigos* têm uma etimologia comum que evoluiu para significados diferentes em cada língua.

A grande semelhança gráfica ou de pronúncia entre estes vocábulos poderia ser uma vantagem no processo de ensino/aprendizagem de uma

LE. Todavia, verifica-se precisamente o contrário pois os *falsos amigos* geram confusões e, em vez de serem facilitadores da aprendizagem, colocam problemas a todos os que trabalham, neste caso específico, com o par de línguas francês/português.

Segundo Chaparro (2012), Georges Mounin refere no seu Dictionnaire de Linguistique de 1974 que foram Maxime Koessler e Jules Derocquigny os primeiros a utilizar o termo "faux-amis" para designar "des mots d'étymologie et de forme semblable mais de sens partiellement ou totalement différents." (p. 175)

Campanhoudt (2003) esclarece que o termo *faux ami* pertence à Linguística aplicada ao ensino das línguas, sendo particularmente utilizado na aprendizagem do inglês pelos falantes de francês ou do francês pelos falantes de inglês, e acrescenta que é a designação *false friend* que é decalcada do francês, e não o inverso. O mesmo autor refere ainda que, na literatura de língua inglesa, há linguistas que utilizam o empréstimo *faux ami* e outros o termo *false cognate*, citando Platt, Richards e Weber (1985):

False cognate [...] also faux amis, false friend
a word which has the same or very similar form in two languages, but which has a different meaning in each. The similarity may cause a second language learner to use the word wrongly. For exemple the French word *expérience* means 'experiment', and not 'experience'. French learners of english might thus write or say : Yesterday we performed an interesting experience in the laboratory.

3.2. Falsos cognatos

Na literatura brasileira também é comum a utilização das designações *falsos amigos* e *falsos cognatos* como sinónimas e referentes ao mesmo fenómeno linguístico.

Em Sabino (2006) encontramos uma distinção clara entre ambas as expressões e ainda a definição de uma terceira, a de *cognatos enganosos* (*deceptive cognate*), avançada em 1990 pelo dicionário Le Robert et Collins.

Baseando-se quer na etimologia da palavra *cognato*, "*nascido junto, consanguíneo*", quer na polissemia do adjetivo *falsos*, a autora conclui (*opus cit.*) que a expressão *falsos cognatos* é "(...) perfeitamente aceitável somente para aqueles vocábulos que não possuem origem comum, mas que são formalmente semelhantes, podendo induzir a erros de interpretação de sentidos." (p.253)

Ora, como referimos acima, a expressão *faux ami* designava inicialmente, para os seus criadores, as palavras com etimologia e forma semelhante mas com sentidos parcialmente ou totalmente diferentes. Assim, e ainda segundo Sabino (*opus cit.*), é provavelmente na referência à etimologia comum das palavras que se fundamenta o aparecimento da designação de *falsos cognatos* aplicada aos vocábulos que apresentam formas semelhantes mas sentidos diferentes, uma vez que "*cognatas*" são as palavras que têm a mesma origem ou etimologia.

Para concluirmos esta questão, recorremos à definição final da mesma autora:

Falsos cognatos são unidades lexicais pertencentes a duas (ou mais) línguas distintas que, apesar de serem provenientes de étimos diferentes resultaram - em consequência das evoluções fonéticas que sofreram, ao longo do tempo - em unidades lexicais ortográfica e/ou fonologicamente idênticas ou semelhantes, embora seus valores semânticos sejam bastante distintos. (p.256)

Exemplificando, podemos citar os verbos *casser*, do francês, e *caçar*, do português. De acordo com o dicionário Littré, *casser* provém etimologicamente "*du latin quassare, secouer, ébranler, fréquentatif de quater.*";

caçar, segundo o dicionário Priberam, tem origem no "latim vulgar *captiare*, do latim *capto*, -are, *apanhar*, *agarrar*." Estamos, pois, perante um exemplo de *falsos cognatos* entre o francês e o português.

3.3. Cognatos enganosos

Relativamente à definição de *cognatos enganosos*, Sabino (2006) refere:

(...) são unidades lexicais de duas (ou mais) línguas distintas que, por serem provenientes de um mesmo étimo, são ortográfica e/ou fonologicamente idênticas ou semelhantes, mas que por terem sofrido evoluções semânticas diferentes, possuem sentidos diferentes. Essas mudanças podem ter acontecido em apenas uma das línguas, ou nas duas. Sendo assim, é possível que ambas ainda conservem traços semânticos comuns, ou ainda, que os sentidos originariamente apresentados por esses pares de unidades lexicais tenham se distanciado tanto, em ambas as línguas – tornando-se, por vezes, até antagônicos – a ponto de não parecerem ser vocábulos cognatos. (p.255)

No contexto do francês para fins empresariais, um dos exemplos de *cognatos enganosos* que surgem no corpus que estudamos é o dos verbos *Attendre* e *Atender*. Em francês, este verbo significa *aguardar*, *esperar*, em português pode ter os significados de *servir* ou *dar atenção a (um cliente)*, *responder ao telefone*. De acordo com as fontes dicionarísticas acima citadas, ambos têm a mesma etimologia: o verbo *attendere* do latim.

4. Falsos amigos no francês para fins empresariais

Apesar da distinção terminológica, e dada a complexidade do tema, optamos pelo termo falsos amigos para designar as palavras que evidenciam

grande semelhança na grafia ou na pronúncia em francês e em português mas que têm significados diferentes neste par de línguas; esta opção é ainda legitimada pela natureza não exaustiva deste trabalho.

Os exemplos a seguir apresentados estão agrupados por classes de palavras; em primeiro lugar, é indicado o significado que lhes foi atribuído no nosso corpus e, na última coluna, surge o seu significado real no contexto em que foram aplicados.

Palavra em francês	Falso amigo em português	Significado no contexto
1. Nomes		
Abonné	Abonado	Assinante
Affaire	Afazer	Negócio
Attaché	Atacado	Adido
Attente	Atenta	Espera
Blouse	Blusa	Uniforme; Avental
Caissier	Caixeiro	Caixa; Tesoureiro
Carte	Carta	Cartão
Carton	Cartão	Papelão

Casque	Casca	Capacete
Casse	Caça	Quebra
Chiffre(d'affaires)	Chifre	Volume de negócios
Costume	Costume	Fato
Course(s)	Curso	Compra(s) ; Corrida
Dégât	Desgaste	Estrago; Prejuízo
Dépense	Despensa	Despesa
Envie	Envio	Vontade
Étage	Estágio	Andar
Lettre	Letra	Carta
Libre	Libra	Livre
Livre	Livre	Livro
Nom	Nome	Apelido
Paquet	Paquete	Pacote
Poste	Poste	Posto; Telefone; Correios

Presse	Pressa	Imprensa
Prime	Prima	Prémio
Réfection	Refeição	Conserto; Reparação
Retrait	Retrato	Retirada
Retraite	Retrete	Reforma
Stylo	Estilo	Caneta
Tasse	Taça	Chávena
2. Verbos		
Acheter	Achatar	Comprar
Appeler	Apelar	Chamar; Telefonar
Attendre	Atender	Aguardar; Esperar
Attirer	Atirar	Atrair
Caser	Casar	Colocar; Inserir
Casser	Caçar	Quebrar
Crier	Criar	Gritar

Disloquer	Deslocar	Desmantelar
Dépenser	Dispensar	Gastar
Encaisser	Encaixar	Cobrar
Entendre	Entender	Ouvir
Envier	Enviar	Invejar
Gâter	Gastar	Estragar
Lever	Levar	Erguer; Levantar
Livrer	Livrar	Entregar
Noter	Notar	Anotar
Parer	Parar	Enfeitar
Prendre	Prender	Tomar; Apanhar
Procurer	Procurar	Proporcionar; Obter
Pousser	Puxar	Empurrar
Quitter	Quitar	Deixar; Abandonar
Ranger	Ranger	Arrumar

Salir	Sair	Sujar
Serrer	Serrar	Apertar
Subir	Subir	Suportar; Sofrer
Taper	Tapar	Processar um documento
3. Preposições		
Depuis	Depois	Desde
Outre	Outro	Além de
Par	Para	Por
Pour	Por	Para
4. Adjetivos		
Abîmé	Abismado	Estragado
Prise	Presa	Tomada
Sale	Sala	Suja
5. Advérbios		
Autrefois	Outra vez	Antigamente

Pourtant	Portanto	No entanto
Puis	Pois	Depois
6. Conjunções		
Car	Carro	Pois; Porque
Mais	Mais	Mas; Porém
7. Pronomes		
Quelqu'un	Qualquer um	Alguém

Conclusão

Numa sociedade fortemente marcada pela globalização, o domínio da língua francesa é um contributo para a diversidade linguística e cultural e um trunfo para o profissional de Secretariado.

Dado que a língua materna do aprendente subjaz a todo o processo de ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira, não são de estranhar os casos de interferência entre ambas as línguas. Os resultados da análise contrastiva ajudam na formação da consciência linguística do aprendente possibilitando que este torne o conhecimento implícito que tem da língua-alvo em conhecimento explícito. Com o presente estudo contrastivo entre o francês e o português evidenciamos alguns *falsos amigos* que poderão servir de suporte na escolha e seleção de materiais didáticos e de abordagens diferenciadas da área linguística do francês para fins empresariais.

Referências

- Calvi, M. V. (2004). Aprendizaje de lenguas afines: español e italiano. *RedELE Revista Electrónica de Didáctica del Español Lengua Extranjera*, 1(1). Consultado em 2 set. 2016. Disponível em: http://www.mecd.gob.es/dctm/redele/Material-RedEle/Revista/2004_01/2004_redELE_1_02Calvi.pdf?documentId=0901e72b80e06a6d
- Campehouth, M. (2003). Mille faux amis en langue française. Disponível em: <http://www.termisti.refer.org/faintro.htm>
- Dicionário de Português - Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. Disponível em: <https://www.priberam.pt/DLPO/>
- Dictionnaire Littre - Dictionnaire de la langue française*. Disponível em: www.littre.org/
- Dominguez Vazquez, M. J. (2001). En torno al concepto de interferencia. Disponível em: <http://www.ucm.es/info/circulo/no5/dominguez.htm>
- Font, M.U. et al. (2012, março 20). O francês é uma vantagem! Disponível em: <https://www.publico.pt/opiniao/jornal/o-frances-e-uma-vantagem-24216232>
- Gast, V. (2011). Contrastive analysis: Theories and methods. In B. Kortmann, & J. Kabatek (Ed.): *Dictionaries of Linguistics and Communication Science: Linguistic theory and methodology*. Berlin: Mouton de Gruyter. Disponível em: http://www.personal.uni-jena.de/~mu65qev/papdf/contr_ling_meth.pdf
- Chaparro, M. C. J. (2012). Pour une typologie des faux-amis en français et en espagnol. *Çédille. Revista de estudios franceses*, (8), 174-185. Disponível em: <http://cedille.webs.ull.es/8/10jorge.pdf>
- Robert-Collins dictionnaire français-anglais, anglais-français* (1990). Paris: Le Robert.
- Sabino, M. A. (2006). Falsos Cognatos, Falsos Amigos Ou Cognatos Enganosos? Desfazendo A Confusão Teórica Através Da Prática. *Alfa*, São Paulo, 50(2). 251-263. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/1422/1123.pdf>
- Santos Gargallo, I. (1993). *Análisis Contrastivo, Análisis de Errores e Interlengua en el marco de la Lingüística Contrastiva*. Colección Lingüística. Madrid: Editorial Síntesis.
- Vicente, G.C.B. (2015). A Interferência da Língua Materna na Aprendizagem de uma Língua Estrangeira. Disponível em: www.pgsskroton.com.br/seer/index.php/ensino/article/viewFile/870/832